

Metrópole



Rumo à 3ª idade
Expectativa de vida de quem tem Down cresce e exige projetos. Pág. A20

Justiça. Administradora disse que se deparou com conta negativa e uma série de dívidas que teriam sido omitidas do Conselho Fiscal e Consultivo para favorecer um esquema de desvio de recursos. Acusados negam e falam em estratégia para evitar pagamentos devidos

Gestão do Conjunto Nacional acusa a ex-síndica de fraude de R\$ 29,8 milhões

Felipe Resk

A atual gestão do Conjunto Nacional acusa a Justiça a ex-síndica Vilma Peramezza de ter operado um esquema que fraudou pelo menos R\$ 29,8 milhões na administração do edifício, ícone de São Paulo, nos últimos dois anos. Substituída recentemente do cargo, ela nega irregularidades e diz ter feito uma administração "transparente, correta e eficiente".

Na Avenida Paulista desde 1956, o Conjunto Nacional tem público circulante de cerca de 30 mil pessoas por dia. São três edifícios de 25 andares, com residências e comércio, além de cinema, teatro e academia. Lá, estabelecimentos maiores chegam a pagar mais de R\$ 90 mil por mês de taxa condominial. Vilma era responsável por administrar as contas desde 1984. Em março, ela não concorreu à eleição e deixou o posto. Hoje, a gestão é feita pela Sociedade Administração e Melhoramentos Urbanos (Samu), que move ação civil e medida criminal contra a ex-síndica.

Ao Tribunal de Justiça de São Paulo (TJ-SP), a Samu disse que se deparou com uma conta corrente negativa e com uma série de dívidas que teriam sido omitidas do Conselho Fiscal e Consultivo do condomínio. O desfalque incluiria débitos com bancos, empresas de fomento mercantil (factoring), fisco e Previdência. Ovario foi apontado por auditoria privada (a Alonso, Barreto & Cia), contratada pela Samu. A Justiça, administradora (a Samu) diz que o dinheiro teria sido desviado para alimentar um suposto esquema de contratos superfaturados com o empresário João Paulo Miguel, ligado à JP Miguel & Engenharia Eireli, que prestou serviço por 30 anos no Conjunto e era responsável por manutenção predial, reformas e obras estruturais. Ele alega que a acusação é falsa.

Foi o próprio empresário quem deu início à disputa judicial, em maio, cobrando da nova gestão pagamentos de serviços que teriam sido prestados entre novembro de 2018 e janeiro deste ano, que somam R\$ 2,2 milhões. Logo após a troca de síndico, ele teve dois contratos rompidos unilateralmente pela Samu: um de 2004 e outro de 2017. Cobrada na Justiça, a Samu entrou com pedido de reconvenção — quando irá passar a acusar o autor no mesmo processo. Ela alega que os acordos rompidos serviriam, na verdade, para "simular" a saída de dinheiro. Para fazer caixa, a ex-síndica teria, entre outros recursos, vendido boletos de condomínio



O condomínio. Estabelecimento maior chega a pagar mais de R\$ 90 mil por mês de taxa

• **Disputa**
Formaram uma verdadeira organização criminosa que se instalou no seio do Conjunto Nacional!
Luis Carlos Dias Torres
ADVOGADO DA SAMU

'Todas essas afirmações de terceiros são falsas'
Vilma Peramezza
EX-SÍNDICA

minio frios a empresas de factoring e pago salários acima do valor de mercado em troca de empréstimo bancário para o condomínio.

"Vilma desviava recursos que seriam para pagar obrigações legais e repassava a JP Miguel", afirma o advogado Luis Carlos Dias Torres, que representa a Samu na esfera criminal. Segundo a Samu, o condomínio desembolsou, em média, R\$ 800 mil por mês à JP Miguel na soma dos dois acordos em 2018.

Hoje, os mesmos serviços teriam sido recontratados por R\$ 99 mil, o que indicaria sobrepreço de 700%. Além disso, embora um dos contratos previesse remuneração variável, os repasses seriam "iguais" e "em valores redondos". A Samu incluiu na ação depoimentos atribuídos a ex-funcionários formalizados em ata notarial.

Segundo depoimento, parte dos repasses acontecia sem nota fiscal. O condomínio também assumiria despesas pró-

PARA ENTENDER

1. O início do conflito

A empresa JP Miguel & Engenharia Eireli entrou com ação para cobrar pagamentos não realizados pelo Conjunto Nacional, referente a serviços prestados no fim de 2018 e início de 2019. Os cheques sustados pela Samu, a administradora do condomínio, somavam mais de R\$ 2,2 milhões.

2. A contestação

A Samu contestou a ação e entrou com pedido de reconvenção (quando a ré passa a acusar o autor), alegando que o empresário João Paulo Miguel, na verdade, se beneficiaria de um esquema que teria desviado R\$ 29,8 milhões do Conjunto Nacional, operado pela então síndica Vilma Peramezza.

3. O suposto esquema

Na ação, a Samu afirma que Vilma Peramezza usava uma série de recursos para "fazer caixa", como vender de títulos frios a empresas de fomento mercantil (factoring), tomar empréstimos bancários e deixar de recolher impostos. Esse dinheiro seria repassado por meio de contratos supostamente superfaturados à JP Miguel & Engenharia.

4. O outro lado

Vilma, que não moveu ação, nega prática de ilícitos e diz ter feito uma administração "transparente, correta e eficiente". Já a defesa de Miguel afirma que a acusação seria falsa e representa uma estratégia para deixar de quitar a dívida milionária.

prias da JP Miguel, fazendo pagamentos duplicados, e manipularia balanços negativos para ficarem positivos e serem apresentados ao Conselho". A ação acusa, ainda, a participação da ex-conselheira fiscal Selma Feldman no suposto esquema. Embora fosse responsável por analisar contas do condomínio, ela é sócia de Miguel na Felmí Empreendimentos e Comércio Ltda.

Essa é a empresa Feldman Assessoria de Negócios Ltda., tam-

bém ligada a ela, teriam recebido mais de R\$ 2,4 milhões relativos a contratos da JP Miguel com o condomínio, conforme relatório da auditoria. A segunda empresa é contratada para prestar serviço a Miguel. Selma nega irregularidade.

Segundo a Samu, o trabalho de auditoria teria enfrentado "grandes dificuldades" por causa da suposta ausência de documentos de guarda obrigatória e haveria indícios de que parte dos comprovantes foi incinerada ou triturada. "Os R\$ 30 milhões são só uma fotografia", diz Dias Torres. "Podemos estar falando de um desvio muito maior."

Defesa. O Estado procurou Vilma Peramezza. Em um primeiro e-mail, declarou não ter "nada a dizer sobre o assunto". Depois, a ex-síndica enviou nova mensagem. "O local adequado para respostas a esses assuntos são os autos processuais no momento e oportunidades da lei." Vilma chegou a mandar um terceiro e-mail. "Quanto ao questionário que me enviou, quero dizer que todas essas afirmações ali feitas por terceiros são falsas", disse. "Os assuntos são objeto de ações em juízo onde me manifesto nos tempos e condições que a lei me concede. A gestão do CCN (Conjunto Nacional) que me foi delegada por 35 anos foi feita da forma mais transparente, correta e eficiente, tendo sempre recebido elogios públicos dos condôminos e da imprensa."

Por sua vez, o advogado Renato Moraes, que representa Miguel, afirma que a auditoria foi "realizada unilateralmente" e seria de "duvidosa qualidade técnica". Segundo ele, os depoimentos de funcionários também foram colhidos "sob condições muito obscuras" e a acusação do suposto esquema seria para "evitar pagamento da dívida" cobrada na Justiça. Já Selma diz ter sido "surpreendida" com a ação e diz que, até o momento, a sua citação não foi apreciada pelo juiz. "Minha função era verificar, com meus colegas de Conselho, se as contas apresentadas estavam comprovadas e sempre confirmamos em conjunto regularidade."

Ela observa que Vilma foi historicamente eleita como síndica na chapa do Grupo Savoy (do qual a Samu faz parte). "Aliás, a síndica de direito, eleita mais uma vez, (...) continua sendo a mesma Samu", afirma. Procurado, o Grupo Savoy diz que "tais fatos sempre foram omitidos aos conselhos". "Nos anos em que Vilma atuou como síndica houve renúncia do Grupo Savoy, sendo este tão lesado quanto os condôminos."

MP denuncia engenheiros e MSLM por queda de prédio

• Promotora diz que líderes de movimento expuseram moradores a risco e cobra agentes da Prefeitura por não intervir Wilton Paes

Marco Antônio Carvalho

O Ministério Público de São Paulo apresentou denúncia formal à Justiça contra engenheiros da Prefeitura e coordenadores de um movimento de moradores

dia no âmbito da investigação que apura as responsabilidades pelo incêndio e pelo desabamento do prédio Wilton Paes de Almeida, no Largo do Paçandu, centro da capital. Para a promotora do caso, todos colaboraram, com omissão e negligência, para a tragédia no dia 1º de maio de 2018, que deixou sete mortos e dois feridos, além de dezenas de desabrigados.

Três coordenadores do Movimento Social de Luta por Moradia (MSLM) já haviam sido indi-

ciados pela Polícia Civil em fevereiro. O inquérito policial geralmente serve como base para apresentação de uma denúncia criminal ao Judiciário, que pode iniciar uma ação penal em que a participação dos envolvidos é analisada. No entanto, ainda não tinham figurado publicamente como suspeitos, como agora ocorre, funcionários da Prefeitura de São Paulo.

Em nota à imprensa, o MP disse que os engenheiros da Prefeitura "deixaram de determinar necessária interdição do prédio, enquanto o profissional integrante da Supervisão Técnica de Fiscalização da Coordenadoria de Planejamento e Desenvolvimento Urbano da Prefeitura

Regional da Sé atestou não haver anomalias que implicassem em risco à estabilidade". Quanto aos líderes do movimento de moradia, a promotora Luciana André Jordão Dias disse que eles expuseram a perigo a vida, a integridade física e o patrimônio de outras pessoas ao cobrar e receber contribuições financeiras dos moradores.

O MP lembrou que o prédio apresentava danos na estrutura e deveria ter sido interditado pela Prefeitura. Agravando a situação, o movimento de moradia efetuou ligação irregular de energia e construiu estruturas com tapumes de madeira. Procurada, a Prefeitura não se pronunciou sobre o caso.



Tragédia. O desabamento em 1º de maio matou 7 e feriu 2

FOTO: GABRIEL FERREIRA/AGÊNCIA OLYMPIA

Bem-estar

ELES TÊM DOWN. E VÃO CHEGAR À 3ª IDADE

Aumento da longevidade de quem convive com a síndrome motiva projeto por envelhecimento ativo

Paula Felix / TEXTO
Tiago Queiroz / FOTOS

Quando Isabel Bacurinski nasceu, no início da década de 1970, a expectativa de vida de uma pessoa com síndrome de Down era de cerca de 30 anos. Hoje, aos 48 anos, ela tem a real possibilidade de chegar à terceira idade. Estudos internacionais apontam que, nos últimos 40 anos, a expectativa de vida para essas pessoas cresceu ao menos 3,75 vezes e deve, no futuro, se igualar à da população em geral. No Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a expectativa de vida ao nascer é de 76 anos.

Vários fatores contribuíram para o aumento da longevidade das pessoas com síndrome de Down. “Na década de 1920, a expectativa de vida era em torno de 9 anos. Com o advento das cirurgias cardíacas, vacinação, diagnóstico e inclusão, houve um aumento da expectativa de vida para em torno dos 65 anos. Um estudo mostrou um paciente com 77 anos”, diz a geriatra Ana Thereza Schneider, integrante da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG).

No passado, apenas os pediatras faziam o atendimento dos pacientes com a síndrome e, durante muitos anos, a longevidade não foi um tema abordado com os pais de crianças com Down. Agora, os geriatras estão sendo cada vez mais procurados por essa população e há projetos que focam o envelhecimento saudável de pessoas com síndrome de Down.

É o caso de um grupo de 60 membros da Associação para Profissionalização, Orientação, Integração do Excepcio-

nal (Apoe), que, desde março, está sendo acompanhado por um geriatra em uma iniciativa do Projeto Serendipidade, ONG com foco em inclusão.

Eles praticam atividades físicas, recebem orientações para ter uma alimentação saudável e fazem exames para acompanhamento de doenças crônicas. O objetivo da iniciativa, segundo o leiloeiro Henri Zylberstein, de 39 anos, fundador do Projeto Serendipidade, não é apenas oferecer qualidade de vida para os adultos, mas obter informações sobre o envelhecimento deles e utilizá-las em pesquisas sobre o tema no futuro. O projeto-piloto deve durar um ano. “Queremos conversar com profissionais em formação para mostrar que existem caminhos e uma necessidade de mercado. Com o envelhecimento precoce e a longevidade dessa população, isso se faz necessário”, diz.

Segundo parentes de pessoas com a síndrome, a longevidade não era uma questão central. “Minha filha nasceu cardiopata e agente tinha de cuidar do coração, levar para a fisioterapia e terapia ocupacional. Tudo o que me indicavam, fui fazer. A questão da longevidade ficou mais para a frente”, lembra a professora aposentada Maria Lúcia da Silva, de 61 anos, mãe de Maria Elisa do Lago, de 32.

Segundo ela, sintomas da velhice que costumam aparecer após os 50 anos na população geral, como a perda de massa muscular e de memória, podem começar a surgir a partir dos 20 anos em quem tem a síndrome.

“Nosso objetivo é desenvolver uma massa crítica para formar os familiares para a busca da qualidade de vida, bons hábitos de alimentação, atividade física



Uma lâmpada de possibilidades. Marcelo Altona com a paciente Isabel Bacurinski: ‘É possível alcançar benefícios’



Vida ativa. Marina gosta de dançar e de fazer colchas

uma lâmpada de possibilidades. Nosso objetivo é oferecer um melhor envelhecimento e acabar com a crença de que não é possível alcançar benefícios.”

Segundo ele, sintomas da velhice que costumam aparecer após os 50 anos na população geral, como a perda de massa muscular e de memória, podem começar a surgir a partir dos 20 anos em quem tem a síndrome. “Nosso objetivo é desenvolver uma massa crítica para formar os familiares para a busca da qualidade de vida, bons hábitos de alimentação, atividade física

• **Formação**
‘Pacientes poderiam procurar geriatras para acompanhamento de doenças crônicas, como o déficit visual e auditivo, o Alzheimer por volta dos 40 anos. Um dos desafios da geriatria é formar profissionais para entender pessoas com trissomia 21’
Ana Thereza Schneider
DA SOCIEDADE BRASILEIRA DE GERIATRIA E GERONTOLOGIA

Apoio familiar. O engenheiro Bernardo Bacurinski, de 62 anos, acompanhou as conquistas da irmã Isabel em um período em que as pessoas não acreditavam no potencial de quem tem síndrome de Down. “Na época, acreditava-se que não tinha expectativa de vida e é um pensamento errado, porque eles têm capacidade de aprender e fazem atividades com dedicação e responsabilidade”, diz o engenheiro. “Minha irmã cuida das coisas dela, senta para jantar comigo, comenta coisas que viu na TV e as notícias que escuta. Tem uma visão de vida muito grande.”

A costureira Shirley Descrove, de 66 anos, nunca se preocupou com as questões relacionadas ao envelhecimento da filha Marina Descrove de Oliveira, de 33 anos, que também tem a síndrome. “Foquei mais em cuidar dela, mas é importante para a gente ficar sabendo como cuidar disso. A família não está pre-

parada”, diz Shirley.

Alguns pacientes apresentam sinais de envelhecimento precoce nessa faixa etária. Segundo Shirley, Marina faz todas as suas atividades com disposição. “Ela não pode fazer movimentos bruscos, mas adora dançar, gosta muito de academia. Lá, só queria fazer zumba. Faz colchas. Só o rosto dela está começando a ficar enrugadinho.”

Presidente da Federação Brasileira das Associações de Síndrome de Down, Antonio Carlos Sestaro diz que a população com a trissomia 21 é de 350 mil a 400 mil pessoas no País. O IBGE não tem dados sobre esse grupo. Ele diz que o atendimento especializado ao longo do envelhecimento é fundamental. “Nossa preocupação maior com a longevidade é o Alzheimer. Estamos acompanhando pesquisas no mundo e quase 50% das pessoas com síndrome de Down podem desenvolver o Alzheimer com mais de 50 anos.”

Para a assistente social voluntária da Apoe Sonia Monken, o projeto focado no envelhecimento é importante não só para os pacientes, mas para a família. “O grande problema hoje é com relação a imaginar que essa pessoa está envelhecendo em um grupo que está muito velho, como os pais dela. Quando a gente trabalha com longevidade, trabalha no paciente e na família.”

Para Bolsonaro, Vale ‘abocanhou’ o direito mineral em todo o Brasil

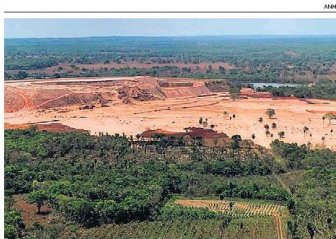
Presidente voltou a criticar as motivações de outros países ao falar da Amazônia: ‘O interesse é no minério’

Julia Lindner / BRASÍLIA

Ao conversar com um grupo de garimpeiros da região de Serra Pelada, no Pará, o presidente Jair Bolsonaro criticou ontem a Vale por ter, na visão dele, “abocanhado” o direito mineral no Brasil no governo do ex-presidente Fernando Henrique Cardoso (1995 a 2003). O presidente também voltou a criticar o interesse de outros países na Floresta Amazônica.

“Esse é um país que é roubado, do há 500 anos. A gente conhece o potencial mineral do Brasil. Eu sei como a Vale do Rio Doce abocanhou, no governo FHC, o direito mineral no Brasil. Um crime o que aconteceu”, disse Bolsonaro a representantes da Cooperativa de Mineração dos Garimpeiros de Serra Pelada (Coomigasp).

Os garimpeiros acusam a empresa de invadir a sua propriedade para extrair minério e vender para fora. Representantes da Coomigasp pediram a Bolsonaro intervenção das Forças Ar-



Rompimento de barragem em MT

Uma barragem de rejeitos de lava de ouro se rompeu ontem no município de Nossa Senhora do Livramento, a 40 km de Cuiabá. A comunidade de Breljal acabou isolada, mas não houve registro de vítimas.

matas no local. “Esta área pertence ao lado, fazendo o buraco que se chama Projeto Serra Leste, está mandando para fora do Brasil falando que é ferro. Está levando ouro e não está sendo prestado conta”, disse o líder da Coomigasp, Jonas Andrade.

Bolsonaro prometeu que, se houver amparo legal, vai enviar as Forças Armadas para atuar na região. O presidente também disse que é uma “co-

vardia” o que fazem com garimpeiros no Brasil e insinuou que há pessoas que pagam propina para encobrir ilegalidades. O presidente disse ter pedido ao ministro de Minas e Energia, Bento Albuquerque, para buscar “alternativas” que ajudem os garimpeiros.

Bolsonaro ainda voltou a criticar o interesse de outros países na Floresta Amazônica, bioma no foco das preocupações ambientais por causa das queimadas.

“O interesse na Amazônia não é no índio e nem na p. da árvore, é no minério”, afirmou o presidente.

Mais tarde, o porta-voz da Presidência, general Otávio do Régio Barros, disse que o governo não tem interesse “concreto” em colocar gestão militar na região de Serra Pelada.

Resposta. Sobre as denúncias de garimpeiros, a Vale informou que não tem atividades minerárias em Serra Pelada nem operação de mineração subterrânea no Pará. Segundo a Vale, foi cedi-

da a área de jazida à Coomigasp em março de 2007 e a empresa mantém em Cuiabá apenas a unidade Serra Leste, de exploração de minério de ferro.

Em relação às críticas do presidente Bolsonaro, a Vale informou que não vai se pronunciar. / COLABOROU MATEUS VARGAS

Queimadas dobram na área do Cerrado

Parques como a Chapada dos Veadeiros tiveram focos de fogo intensos; foram 22,9 mil no bioma em setembro

O número de focos de incêndio no Cerrado dobrou no último mês, na comparação com setembro do ano passado. De 1.º a 30 de setembro deste ano, foram 22.980 focos, ante 11.467 no mesmo período do ano passado, alta de 100,4%. As queimadas seguiram uma tendência de alta que vinha desde agosto, quando o bioma sofreu com 12.906 focos de fogo, ante 7.992 em agosto de 2018 – aumento de 61,4%.

Parques importantes do bioma, como a Chapada dos Veadeiros e a Chapada dos Guimarães, tiveram queimadas intensas. A Área de Proteção Ambiental (APA) do Planalto Central, que atinge 65% da área do Distrito Federal, teve o dobro do número de focos de fogo em setembro na comparação com o mesmo mês do ano passado.

“Há combinação de dois fatores: a estação seca e um aumento das queimadas pelas pessoas. Há um senso comum de que o fogo é natural do Cerrado, mas é natural quando tem

chuva. Caem os raios e queimam a vegetação. Na seca não tem fogo natural, é alguém que bota. O ser humano mudou drasticamente o regime de fogo no Cerrado”, diz Fernando Tatagiba, chefe da APA do Planalto Central.

Amor alto no Cerrado ocorreu ao mesmo tempo que as queimadas começaram a diminuir na Amazônia, em parte por causa das ações das Forças Armadas, mas também porque choveu acima da média em especial em Mato Grosso, Estado que liderava em incêndios. De 1.º a 30 de setembro, o bioma amazônico teve 19.025 focos, ante 24.803 em setembro de 2018 – redução de 19,6%. Em agosto, haviam sido 30.901 focos, ante 10.421 – alta de 196%.

Causas. Técnicos do Ibama que atuam na região ponderam que as queimadas muito acima da média histórica em agosto – que era de 25.853 – de certo modo diminuiriam o material que poderia ser queimado em setembro. Historicamente, os focos de incêndio na floresta costumam atingir pico em setembro, de modo que havia o temor de que a situação neste mês seria ainda pior. Mas a combinação de fatores colaborou com a queda. / GIOVANA GIRARDI

PRÉSTACREDO

O ESTADO DE S. PAULO

FUNDADO EM 1895 JULIO MESQUITA (1862-1907)

Quarta-feira 2 DE OUTUBRO DE 2019 R\$ 5,00 ANO 140 Nº 46005

EDIÇÃO DE 1415

estadão.com.br

Aras quer 'busca da verdade' sobre atentado a Bolsonaro

Procurador-geral da República defende 'aprofundamento' das investigações sobre facada sofrida pelo então candidato

Para o procurador-geral da República, Augusto Aras, as investigações sobre o atentado a faca sofrido pelo então candidato Jair Bolsonaro, em setembro de 2018, devem ser "aprofundadas", em busca da "verdade real" do atentado. A fala reproduz o discurso que o presidente vem fazendo há tempos. Em entrevista ao Estado, Aras — que toma

posse hoje para um mandato de dois anos — disse acreditar que, "pelas circunstâncias" do crime, Adelfo Bispo de Oliveira não agiu sozinho, ao contrário do que concluiu a Polícia Federal. Aras cita como exemplos o uso de arma branca, a suspeita de coparticipes na multidão, a tentativa de confundir as apurações com a entrada de pessoas

com o mesmo nome na Câmara e o surgimento de advogados contratados por desconhecidos. O Tribunal Regional Federal da 1.ª Região (TRF-1) analisará hoje a legalidade da operação da PF contra o advogado Zanone Júnior, defensor de Adelfo, e se o caso deve ser encaminhado ao Supremo Tribunal Federal. **POLÍTICA / PÁG. A4**

66 Ainda é tempo de a Polícia Federal e de o Ministério Público Federal, atuando em conjunto, buscarem a verdade real do atentado*
AUGUSTO ARAS
PROCURADOR-GERAL DA REPÚBLICA

Senado aprova texto-base da Previdência e reduz economia

O Senado aprovou em 1.º turno o texto-base da reforma da Previdência. Na votação dos destaques, foi derrubada a restrição ao pagamento do abono a quem ganha até R\$ 1,4 mil. Com isso, a economia prevista em dez anos caiu R\$ 76,4 bilhões, para R\$ 800,3 bilhões. A reforma terá de passar por um 2.º turno, mas os senadores ameaçam trancar a votação até que o Planalto cumpra acordos firmados. **ECONOMIA / PÁGS. B1, B3 e B4**



Na China, festa; em Hong Kong, confronto

Enquanto os chineses festejavam o aniversário de 70 anos da Revolução Comunista e do nascimento da República Popular da China, manifestantes pró-democracia entravam em confronto com a polícia em Hong Kong (foto). Nos protestos, um jovem de 18 anos foi atingido no ombro por um tiro disparado por policiais. **INTERNACIONAL / PÁG. A10**

Para Gilmar, STF limitará decisão sobre Lava Jato

Às vésperas de o Supremo retomar o debate sobre o direito de réus delatados falarem por último em ações em que também haja réus delatores, o ministro Gilmar Mendes sugeriu que os efeitos da decisão sejam limitados. Isso preservaria sentenças dadas anteriormente pela Lava Jato. Segundo ele, já há maioria para que a validade recaia apenas sobre réus que fizeram a solicitação em primeira instância. **POLÍTICA / PÁG. A8**

Justiça apura suposta fraude no Conjunto Nacional

A atual gestão do Conjunto Nacional acusa na Justiça a ex-síndica Vilma Peres de fraude de pelo menos R\$ 29,8 milhões, com acúmulo de débitos que teriam sido omitidos do Conselho Fiscal e Consultivo. Ela nega. Outros acusados no processo falam em estratégia para evitar pagamento de dívidas. **METRÓPOLE / PÁG. A10**

Exército peruano apoia presidente

Um dia depois de o presidente do Peru, Martín Vizcarra, dissolver o Congresso e ser alvo de uma tentativa de destituição, a cúpula militar continua o apoio. **INTERNACIONAL / PÁG. A14**

Caderno 2

As facetas de um cineasta
Mostra em SP traz vida e obra de Eduardo Coutinho.
* PÁGS. C1 e C3

● Osepe celebra Beethoven
Em 2020, orquestra promoverá séries completas de obras do compositor a preços reduzidos. **PÁG. C5**

Inovação

● Serviços para pets
Startups 'farejam' mercado de R\$ 34,4 bilhões. **PÁG. B8**

MISTO
Papel produzido a partir de fontes sustentáveis
FSC® C113289

Garoto de 12 diz ter matado menina de 9

Menino morava na mesma rua que Raissa, na zona norte de São Paulo. Ele foi apreendido pela polícia após confessar o crime. Ainda se investiga se ele agiu só. **METRÓPOLE / PÁG. A10**

Com Down e na maturidade

A expectativa de vida de quem tem Down avançou 3,75 vezes, o que exige planos de envelhecimento ativo, caso de Isabel Bacurinkis (foto), de 48 anos. **METRÓPOLE / PÁG. A20**



TIGGO 7
Premium
Luxo para todos.

COMPARATIVO
QUATRO RODAS
EDIÇÃO JULHO DE 2019
TIGGO 7
SUPERA
JEEP COMPASS

5 ANOS GARANTIA

No trânsito, o sentido é vida.

Veja nas páginas 6 e 7.

CADA *Qualidade, Tecnologia e Design*

GM quer transportar carros por ferrovias

ECONOMIA / PÁG. B10

Indústria tem pior fase em 10 anos nos EUA

ECONOMIA / PÁG. B6

Vera Magalhães

Depois de um ano da campanha Lula Livre, petistas agora fazem romaria contra a progressão de regime. **POLÍTICA / PÁG. A8**

Leandro Karmal

Muitos intelectuais não gostam de divulgação. Preferem o elitismo de iluminados com pleno domínio retórico. **CADERNOS / PÁG. C5**

NOTAS & INFORMAÇÕES

Indústria em busca da virada

Reconquistar o vigor de oito anos atrás é o primeiro desafio para a indústria brasileira, depois de uma crise longa e devastadora. Será um longo caminho. **PÁG. A3**

O 'Mapa do Trabalho Industrial'

Ele dá a medida das dificuldades que os trabalhadores terão com as novas tecnologias. **PÁG. A3**

Tempo em SP

10° Min. 23° Max.

PRINTED AND DISTRIBUTED BY PRESSEADER
PRESSEADER.COM - 11 5042-2700
CNPJ 06.908.053/0001-01

Presseader

A TARDE

Eles têm Down. E vão chegar à 3ª idade

ESTADÃO conteúdo

Paula Felix

Quando Isabel Bacicurinski nasceu, no início da década de 1970, a expectativa de vida de uma pessoa com síndrome de Down era de cerca de 20 anos. Hoje, aos 48 anos, ela tem a real possibilidade de chegar à terceira idade. Estudos internacionais apontam que, nos últimos 40 anos, a expectativa de vida para essas pessoas cresceu ao menos 3,75 vezes e deve, no futuro, se igualar à da população em geral. No Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a expectativa de vida ao nascer é de 76 anos.

Vários fatores contribuíram para o aumento da longevidade das pessoas com síndrome de Down. "Na década de 1920, a expectativa de vida era em torno de 9 anos. Com o advento das cirurgias cardíacas, vacinação, diagnóstico e inclusão, houve um aumento da expectativa de vida para em torno dos 65 anos. Um estudo mostrou um paciente com 77 anos", diz a geriatra Ana Thereza Schneider, integrante da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG).

No passado, apenas os pediatras faziam o atendimento dos pacientes com a síndrome e, durante muitos anos, a longevidade não foi um tema abordado com os pais de crianças com Down. A gora, os geriatras estão sendo cada vez mais procurados por essa população e há projetos que focam o envelhecimento saudável de pessoas com síndrome de Down.

É o caso de um grupo de 60 membros da Associação para Profissionalização, Orientação, Integração do Excepcional (Apoie), que, desde março, está sendo acompanhado por um geriatra em uma iniciativa do Projeto Serendipidade, ONG com foco em inclusão.

Eles praticam atividades físicas, recebem orientações para ter uma alimentação saudável e fazem exames para acompanhamento de doenças crônicas. O objetivo da iniciativa, segundo o leiloeiro Henri Zylberstajn, de 39 anos, fundador do Projeto Serendipidade, não é apenas oferecer qualidade de vida para os adultos, mas obter informações sobre o envelhecimento deles e utilizá-las em pesquisas sobre o tema no futuro. O projeto-piloto deve durar um ano. "Queremos conversar com profissionais em formação para mostrar que existem caminhos e uma necessidade de mercado. Com o envelhecimento precoce e a longevidade dessa população, isso se faz necessário", diz.

Segundo parentes de pessoas com a síndrome, a longevidade não era uma questão central. "Minha filha nasceu cardiopata e a gente tinha de cuidar do coração, levar para a fisioterapia e terapia ocupacional. Tudo o que me indicaram, fui fazer. A questão da longevidade ficou mais para a frente", lembra a professora aposentada Maria Lúcia da Silva, de 61 anos, mãe de Maria Elisa do Lago, de 32. Segundo Maria Lúcia, a filha gosta de dançar e fazer atividades físicas. Também canta e é uma pessoa sociável. "Ela tem qualidade de vida muito maior do que outras pessoas. Acredito que Maria Elisa vai longe."

Possibilidades

Geriatra do Hospital Israelita Albert Einstein e do Hospital das Clínicas de São Paulo, Marcelo Altona está fazendo o monitoramento do grupo atendido pelo projeto. "Estamos assistindo ao envelhecimento das pessoas com a síndrome de Down e isso acende uma lâmpada de possibilidades. Nosso objetivo é oferecer um melhor envelhecimento e acabar com a crença de que não é possível alcançar benefícios."

Segundo ele, sintomas da velhice que costumam aparecer após os 50 anos na população geral, como a perda de massa muscular e de memória, podem começar a surgir a partir dos 20 anos em quem tem a síndrome. "Nosso objetivo é desenvolver uma massa crítica para formar os familiares para a busca da qualidade de vida, bons hábitos de alimentação, atividade física e controle de doenças crônicas que podem surgir durante o envelhecimento. Fazer o mesmo cuidado que temos com os idosos típicos", explica Altona.

Os participantes também estão realizando exames para monitorar condições de saúde. "Todo o nosso arsenal diagnóstico está disponível, como exames de ressonância e tomografia. A causa nos sensibilizou porque tem relação com inclusão social e melhorar a vida das pessoas", diz Charles Ghelfond, diretor-presidente do Ghelfond Medicina Diagnóstica.

Apoio familiar

O engenheiro Bernardo Bacicurinski, de 62 anos, acompanhou as conquistas da irmã Isabel em um período em que as pessoas não acreditavam no potencial de quem tem síndrome de Down. "Na época, acreditava-se que não tinha expectativa de nada e é um pensamento errado, porque eles têm capacidade de aprender e fazem atividades com dedicação e responsabilidade", diz o engenheiro. "Minha irmã cuida das coisas dela, senta para jantar comigo, comenta coisas que viu na TV e as notícias que escuta. Tem uma visão de vida muito grande."

A costureira Shirley Descrove, de 66 anos, nunca se preocupou com as questões relacionadas ao envelhecimento da filha Marina Descrove de Oliveira, de 33 anos, que também tem a síndrome. "Foquei mais em cuidar dela, mas é importante para a gente ficar sabendo como cuidar disso. A família não está preparada", diz Shirley.

Alguns pacientes apresentam sinais de envelhecimento precoce nessa faixa etária. Segundo Shirley, Marina faz todas as suas atividades com disposição. "Ela não pode fazer movimentos bruscos, mas adora dançar, gosta muito de academia. Lá, só queria fazer zumba. Faz colchas. Só o rosto dela está começando a ficar enrugadinho."

Presidente da Federação Brasileira das Associações de Síndrome de Down, Antonio Carlos Sestaro diz que a população com a trissomia do 21 é de 350 mil a 400 mil pessoas no País. O IBGE não tem dados sobre esse grupo. Ele diz que o atendimento especializado ao longo do envelhecimento é fundamental. "Nossa preocupação maior com a longevidade é o Alzheimer. Estamos acompanhando pesquisas no mundo e quase 50% das pessoas com síndrome de Down podem desenvolver o Alzheimer com mais de 50 anos."

Para a assistente social voluntária da Apoie Sonia Monken, o projeto focado no envelhecimento é importante não só para os pacientes, mas para a família. "O grande problema hoje é com relação a imaginar que essa pessoa está envelhecendo em um grupo que está muito velho, como os pais dela. Quando a gente trabalha com longevidade, trabalha no paciente e na família." As informações são do jornal **O Estado de S. Paulo**.

<https://atarde.uol.com.br/brasil/noticias/2096612-eles-tem-down-e-vao-chegar-a-3a-idade>



Eles têm Down. E vão chegar à 3ª idade

02/10/2019 08h00

São Paulo - Quando Isabel Bacicurinski nasceu, no início da década de 1970, a expectativa de vida de uma pessoa com síndrome de Down era de cerca de 20 anos. Hoje, aos 48 anos, ela tem a real possibilidade de chegar à terceira idade. Estudos internacionais apontam que, nos últimos 40 anos, a expectativa de vida para essas pessoas cresceu ao menos 3,75 vezes e deve, no futuro, se igualar à da população em geral. No Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a expectativa de vida ao nascer é de 76 anos.

Vários fatores contribuíram para o aumento da longevidade das pessoas com síndrome de Down. "Na década de 1920, a expectativa de vida era em torno de 9 anos. Com o advento das cirurgias cardíacas, vacinação, diagnóstico e inclusão, houve um aumento da expectativa de vida para em torno dos 65 anos. Um estudo mostrou um paciente com 77 anos", diz a geriatra Ana Thereza Schneider, integrante da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG).

No passado, apenas os pediatras faziam o atendimento dos pacientes com a síndrome e, durante muitos anos, a longevidade não foi um tema abordado com os pais de crianças com Down. A gora, os geriatras estão sendo cada vez mais procurados por essa população e há projetos que focam o envelhecimento saudável de pessoas com síndrome de Down.

É o caso de um grupo de 60 membros da Associação para Profissionalização, Orientação, Integração do Excepcional (Apoie), que, desde março, está sendo acompanhado por um geriatra em uma iniciativa do Projeto Serendipidade, ONG com foco em inclusão.

Eles praticam atividades físicas, recebem orientações para ter uma alimentação saudável e fazem exames para acompanhamento de doenças crônicas. O objetivo da iniciativa, segundo o leiloeiro Henri Zylberstajn, de 39 anos, fundador do Projeto Serendipidade, não é apenas oferecer qualidade de vida para os adultos, mas obter informações sobre o envelhecimento deles e utilizá-las em pesquisas sobre o tema no futuro. O projeto-piloto deve durar um ano. "Queremos conversar com profissionais em formação para mostrar que existem caminhos e uma necessidade de mercado. Com o envelhecimento precoce e a longevidade dessa população, isso se faz necessário", diz.

Segundo parentes de pessoas com a síndrome, a longevidade não era uma questão central. "Minha filha nasceu cardiopata e a gente tinha de cuidar do coração, levar para a fisioterapia e terapia ocupacional. Tudo o que me indicaram, fui fazer. A questão da longevidade ficou mais para a frente", lembra a professora aposentada Maria Lúcia da Silva, de 61 anos, mãe de Maria Elisa do Lago, de 32. Segundo Maria Lúcia, a filha gosta de dançar e fazer atividades físicas. Também canta e é uma pessoa sociável. "Ela tem qualidade de vida muito maior do que outras pessoas. Acredito que Maria Elisa vai longe."

Possibilidades

Geriatra do Hospital Israelita Albert Einstein e do Hospital das Clínicas de São Paulo, Marcelo Altona está fazendo o monitoramento do grupo atendido pelo projeto. "Estamos assistindo ao envelhecimento das pessoas com a síndrome de Down e isso acende uma lâmpada de possibilidades. Nosso objetivo é oferecer um melhor envelhecimento e acabar com a crença de que não é possível alcançar benefícios."

Segundo ele, sintomas da velhice que costumam aparecer após os 50 anos na população geral, como a perda de massa muscular e de memória, podem começar a surgir a partir dos 20 anos em quem tem a síndrome. "Nosso objetivo

é desenvolver uma massa crítica para formar os familiares para a busca da qualidade de vida, bons hábitos de alimentação, atividade física e controle de doenças crônicas que podem surgir durante o envelhecimento. Fazer o mesmo cuidado que temos com os idosos típicos", explica Altona.

Os participantes também estão realizando exames para monitorar condições de saúde. "Todo o nosso arsenal diagnóstico está disponível, como exames de ressonância e tomografia. A causa nos sensibilizou porque tem relação com inclusão social e melhorar a vida das pessoas", diz Charles Ghelfond, diretor-presidente do Ghelfond Medicina Diagnóstica.

Apoio familiar

O engenheiro Bernardo Bacicurinski, de 62 anos, acompanhou as conquistas da irmã Isabel em um período em que as pessoas não acreditavam no potencial de quem tem síndrome de Down. "Na época, acreditava-se que não tinha expectativa de nada e é um pensamento errado, porque eles têm capacidade de aprender e fazem atividades com dedicação e responsabilidade", diz o engenheiro. "Minha irmã cuida das coisas dela, senta para jantar comigo, comenta coisas que viu na TV e as notícias que escuta. Tem uma visão de vida muito grande."

A costureira Shirley Descrove, de 66 anos, nunca se preocupou com as questões relacionadas ao envelhecimento da filha Marina Descrove de Oliveira, de 33 anos, que também tem a síndrome. "Foquei mais em cuidar dela, mas é importante para a gente ficar sabendo como cuidar disso. A família não está preparada", diz Shirley.

Alguns pacientes apresentam sinais de envelhecimento precoce nessa faixa etária. Segundo Shirley, Marina faz todas as suas atividades com disposição. "Ela não pode fazer movimentos bruscos, mas adora dançar, gosta muito de academia. Lá, só queria fazer zumba. Faz colchas. Só o rosto dela está começando a ficar enrugadinho."

Presidente da Federação Brasileira das Associações de Síndrome de Down, Antonio Carlos Sestaro diz que a população com a trissomia do 21 é de 350 mil a 400 mil pessoas no País. O IBGE não tem dados sobre esse grupo. Ele diz que o atendimento especializado ao longo do envelhecimento é fundamental. "Nossa preocupação maior com a longevidade é o Alzheimer. Estamos acompanhando pesquisas no mundo e quase 50% das pessoas com síndrome de Down podem desenvolver o Alzheimer com mais de 50 anos."

Para a assistente social voluntária da Apoie Sonia Monken, o projeto focado no envelhecimento é importante não só para os pacientes, mas para a família. "O grande problema hoje é com relação a imaginar que essa pessoa está envelhecendo em um grupo que está muito velho, como os pais dela. Quando a gente trabalha com longevidade, trabalha no paciente e na família." As informações são do jornal **O Estado de S. Paulo**.

Paula Felix

<https://www.bol.uol.com.br/noticias/2019/10/02/eles-tem-down-e-vao-chegar-a-3-idade.htm>

CORREIO

Eles têm Down. E vão chegar à 3ª idade

Publicado 02/10/2019 - 08h15 - Atualizado 02/10/2019 - 08h15 Por **Estadão Conteúdo**

Quando Isabel Bacicurinski nasceu, no início da década de 1970, a expectativa de vida de uma pessoa com síndrome de Down era de cerca de 20 anos. Hoje, aos 48 anos, ela tem a real possibilidade de chegar à terceira idade. Estudos internacionais apontam que, nos últimos 40 anos, a expectativa de vida para essas pessoas cresceu ao menos 3,75 vezes e deve, no futuro, se igualar à da população em geral. No Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a expectativa de vida ao nascer é de 76 anos.

Vários fatores contribuíram para o aumento da longevidade das pessoas com síndrome de Down. "Na década de 1920, a expectativa de vida era em torno de 9 anos. Com o advento das cirurgias cardíacas, vacinação, diagnóstico e inclusão, houve um aumento da expectativa de vida para em torno dos 65 anos. Um estudo mostrou um paciente com 77 anos", diz a geriatra Ana Thereza Schneider, integrante da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG).

No passado, apenas os pediatras faziam o atendimento dos pacientes com a síndrome e, durante muitos anos, a longevidade não foi um tema abordado com os pais de crianças com Down. A gora, os geriatras estão sendo cada vez mais procurados por essa população e há projetos que focam o envelhecimento saudável de pessoas com síndrome de Down.

É o caso de um grupo de 60 membros da Associação para Profissionalização, Orientação, Integração do Excepcional (Apoie), que, desde março, está sendo acompanhado por um geriatra em uma iniciativa do Projeto Serendipidade, ONG com foco em inclusão.

Eles praticam atividades físicas, recebem orientações para ter uma alimentação saudável e fazem exames para acompanhamento de doenças crônicas. O objetivo da iniciativa, segundo o leiloeiro Henri Zylberstajn, de 39 anos, fundador do Projeto Serendipidade, não é apenas oferecer qualidade de vida para os adultos, mas obter informações sobre o envelhecimento deles e utilizá-las em pesquisas sobre o tema no futuro. O projeto-piloto deve durar um ano. "Queremos conversar com profissionais em formação para mostrar que existem caminhos e uma necessidade de mercado. Com o envelhecimento precoce e a longevidade dessa população, isso se faz necessário", diz.

Segundo parentes de pessoas com a síndrome, a longevidade não era uma questão central. "Minha filha nasceu cardiopata e a gente tinha de cuidar do coração, levar para a fisioterapia e terapia ocupacional. Tudo o que me indicaram, fui fazer. A questão da longevidade ficou mais para a frente", lembra a professora aposentada Maria Lúcia da Silva, de 61 anos, mãe de Maria Elisa do Lago, de 32. Segundo Maria Lúcia, a filha gosta de dançar e fazer atividades físicas. Também canta e é uma pessoa sociável. "Ela tem qualidade de vida muito maior do que outras pessoas. Acredito que Maria Elisa vai longe."

Possibilidades

Geriatria do Hospital Israelita Albert Einstein e do Hospital das Clínicas de São Paulo, Marcelo Altona está fazendo o monitoramento do grupo atendido pelo projeto. "Estamos assistindo ao envelhecimento das pessoas com a síndrome de Down e isso acende uma lâmpada de possibilidades. Nosso objetivo é oferecer um melhor envelhecimento e acabar com a crença de que não é possível alcançar benefícios."

Segundo ele, sintomas da velhice que costumam aparecer após os 50 anos na população geral, como a perda de massa muscular e de memória, podem começar a surgir a partir dos 20 anos em quem tem a síndrome. "Nosso objetivo é desenvolver uma massa crítica para formar os familiares para a busca da qualidade de vida, bons hábitos de alimentação, atividade física e controle de doenças crônicas que podem surgir durante o envelhecimento. Fazer o mesmo cuidado que temos com os idosos típicos", explica Altona.

Os participantes também estão realizando exames para monitorar condições de saúde. "Todo o nosso arsenal diagnóstico está disponível, como exames de ressonância e tomografia. A causa nos sensibilizou porque tem relação com inclusão social e melhorar a vida das pessoas", diz Charles Ghelfond, diretor-presidente do Ghelfond Medicina Diagnóstica.

Apoio familiar

O engenheiro Bernardo Bacicurinski, de 62 anos, acompanhou as conquistas da irmã Isabel em um período em que as pessoas não acreditavam no potencial de quem tem síndrome de Down. "Na época, acreditava-se que não tinha expectativa de nada e é um pensamento errado, porque eles têm capacidade de aprender e fazem atividades com dedicação e responsabilidade", diz o engenheiro. "Minha irmã cuida das coisas dela, senta para jantar comigo, comenta coisas que viu na TV e as notícias que escuta. Tem uma visão de vida muito grande."

A costureira Shirley Descrove, de 66 anos, nunca se preocupou com as questões relacionadas ao envelhecimento da filha Marina Descrove de Oliveira, de 33 anos, que também tem a síndrome. "Foquei mais em cuidar dela, mas é importante para a gente ficar sabendo como cuidar disso. A família não está preparada", diz Shirley.

Alguns pacientes apresentam sinais de envelhecimento precoce nessa faixa etária. Segundo Shirley, Marina faz todas as suas atividades com disposição. "Ela não pode fazer movimentos

bruscos, mas adora dançar, gosta muito de academia. Lá, só queria fazer zumba. Faz colchas. Só o rosto dela está começando a ficar enrugadinho."

Presidente da Federação Brasileira das Associações de Síndrome de Down, Antonio Carlos Sestaro diz que a população com a trissomia do 21 é de 350 mil a 400 mil pessoas no País. O IBGE não tem dados sobre esse grupo. Ele diz que o atendimento especializado ao longo do envelhecimento é fundamental. "Nossa preocupação maior com a longevidade é o Alzheimer. Estamos acompanhando pesquisas no mundo e quase 50% das pessoas com síndrome de Down podem desenvolver o Alzheimer com mais de 50 anos."

Para a assistente social voluntária da Apoie Sonia Monken, o projeto focado no envelhecimento é importante não só para os pacientes, mas para a família. "O grande problema hoje é com relação a imaginar que essa pessoa está envelhecendo em um grupo que está muito velho, como os pais dela. Quando a gente trabalha com longevidade, trabalha no paciente e na família." As informações são do jornal **O Estado de S. Paulo**.

https://correio.rac.com.br/_conteudo/2019/10/agencias/869439-eles-tem-down-e-vaio-chegar-a-3-idade.html

ESTADO DE MINAS

Eles têm Down. E vão chegar à 3ª idade

Estadão Conteúdo

postado em 02/10/2019 07:43

Quando Isabel Bacicurinski nasceu, no início da década de 1970, a expectativa de vida de uma pessoa com síndrome de Down era de cerca de 20 anos. Hoje, aos 48 anos, ela tem a real possibilidade de chegar à terceira idade. Estudos internacionais apontam que, nos últimos 40 anos, a expectativa de vida para essas pessoas cresceu ao menos 3,75 vezes e deve, no futuro, se igualar à da população em geral. No Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a expectativa de vida ao nascer é de 76 anos.

Vários fatores contribuíram para o aumento da longevidade das pessoas com síndrome de Down. "Na década de 1920, a expectativa de vida era em torno de 9 anos. Com o advento das cirurgias cardíacas, vacinação, diagnóstico e inclusão, houve um aumento da expectativa de vida para em torno dos 65 anos. Um estudo mostrou um paciente com 77 anos", diz a geriatra Ana Thereza Schneider, integrante da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG).

No passado, apenas os pediatras faziam o atendimento dos pacientes com a síndrome e, durante muitos anos, a longevidade não foi um tema abordado com os pais de crianças com Down. A gora, os geriatras estão sendo cada vez mais procurados por essa população e há projetos que focam o envelhecimento saudável de pessoas com síndrome de Down.

É o caso de um grupo de 60 membros da Associação para Profissionalização, Orientação, Integração do Excepcional (Apoie), que, desde março, está sendo acompanhado por um geriatra em uma iniciativa do Projeto Serendipidade, ONG com foco em inclusão.

Eles praticam atividades físicas, recebem orientações para ter uma alimentação saudável e fazem exames para acompanhamento de doenças crônicas. O objetivo da iniciativa, segundo o leiloeiro

Henri Zylberstajn, de 39 anos, fundador do Projeto Serendipidade, não é apenas oferecer qualidade de vida para os adultos, mas obter informações sobre o envelhecimento deles e utilizá-las em pesquisas sobre o tema no futuro. O projeto-piloto deve durar um ano. "Queremos conversar com profissionais em formação para mostrar que existem caminhos e uma necessidade de mercado. Com o envelhecimento precoce e a longevidade dessa população, isso se faz necessário", diz.

Segundo parentes de pessoas com a síndrome, a longevidade não era uma questão central. "Minha filha nasceu cardiopata e a gente tinha de cuidar do coração, levar para a fisioterapia e terapia ocupacional. Tudo o que me indicaram, fui fazer. A questão da longevidade ficou mais para a frente", lembra a professora aposentada Maria Lúcia da Silva, de 61 anos, mãe de Maria Elisa do Lago, de 32. Segundo Maria Lúcia, a filha gosta de dançar e fazer atividades físicas. Também canta e é uma pessoa sociável. "Ela tem qualidade de vida muito maior do que outras pessoas. Acredito que Maria Elisa vai longe."

Possibilidades

Geriatra do Hospital Israelita Albert Einstein e do Hospital das Clínicas de São Paulo, Marcelo Altona está fazendo o monitoramento do grupo atendido pelo projeto. "Estamos assistindo ao envelhecimento das pessoas com a síndrome de Down e isso acende uma lâmpada de possibilidades. Nosso objetivo é oferecer um melhor envelhecimento e acabar com a crença de que não é possível alcançar benefícios."

Segundo ele, sintomas da velhice que costumam aparecer após os 50 anos na população geral, como a perda de massa muscular e de memória, podem começar a surgir a partir dos 20 anos em quem tem a síndrome. "Nosso objetivo é desenvolver uma massa crítica para formar os familiares para a busca da qualidade de vida, bons hábitos de alimentação, atividade física e controle de doenças crônicas que podem surgir durante o envelhecimento. Fazer o mesmo cuidado que temos com os idosos típicos", explica Altona.

Os participantes também estão realizando exames para monitorar condições de saúde. "Todo o nosso arsenal diagnóstico está disponível, como exames de ressonância e tomografia. A causa nos sensibilizou porque tem relação com inclusão social e melhorar a vida das pessoas", diz Charles Ghelfond, diretor-presidente do Ghelfond Medicina Diagnóstica.

Apoio familiar

O engenheiro Bernardo Bacicurinski, de 62 anos, acompanhou as conquistas da irmã Isabel em um período em que as pessoas não acreditavam no potencial de quem tem síndrome de Down. "Na época, acreditava-se que não tinha expectativa de nada e é um pensamento errado, porque eles têm capacidade de aprender e fazem atividades com dedicação e responsabilidade", diz o engenheiro. "Minha irmã cuida das coisas dela, senta para jantar comigo, comenta coisas que viu

na TV e as notícias que escuta. Tem uma visão de vida muito grande."

A costureira Shirley Descrove, de 66 anos, nunca se preocupou com as questões relacionadas ao envelhecimento da filha Marina Descrove de Oliveira, de 33 anos, que também tem a síndrome. "Foquei mais em cuidar dela, mas é importante para a gente ficar sabendo como cuidar disso. A família não está preparada", diz Shirley.

Alguns pacientes apresentam sinais de envelhecimento precoce nessa faixa etária. Segundo Shirley, Marina faz todas as suas atividades com disposição. "Ela não pode fazer movimentos bruscos, mas adora dançar, gosta muito de academia. Lá, só queria fazer zumba. Faz colchas. Só o rosto dela está começando a ficar enrugadinho."

Presidente da Federação Brasileira das Associações de Síndrome de Down, Antonio Carlos Sestaro diz que a população com a trissomia do 21 é de 350 mil a 400 mil pessoas no País. O IBGE não tem dados sobre esse grupo. Ele diz que o atendimento especializado ao longo do envelhecimento é fundamental. "Nossa preocupação maior com a longevidade é o Alzheimer. Estamos acompanhando pesquisas no mundo e quase 50% das pessoas com síndrome de Down podem desenvolver o Alzheimer com mais de 50 anos."

Para a assistente social voluntária da Apoie Sonia Monken, o projeto focado no envelhecimento é importante não só para os pacientes, mas para a família. "O grande problema hoje é com relação a imaginar que essa pessoa está envelhecendo em um grupo que está muito velho, como os pais dela. Quando a gente trabalha com longevidade, trabalha no paciente e na família." As informações são do jornal **O Estado de S. Paulo**.

https://www.em.com.br/app/noticia/nacional/2019/10/02/interna_nacional,1089567/eles-tem-down-e-vao-chegar-a-3-idade.shtml

EXAME

Com avanços na medicina, pessoas com Síndrome de Down já chegam à 3ª idade

Expectativa de vida de pessoas com Down deve se equiparar a médio prazo com a da população normal, que é de 76 anos no Brasil

Por **Estadão Conteúdo**

access_time 2 out 2019, 09h58 - Publicado em 2 out 2019, 09h57



Síndrome de Down: com advento das cirurgias cardíacas, vacinação, diagnóstico e inclusão, houve um aumento da expectativa de vida para em torno dos 65 anos (Barcroft Media/Getty Images)

São Paulo — Quando Isabel Bacicurinski nasceu, no início da década de 1970, a expectativa de vida de uma pessoa com síndrome de Down era de cerca de 20 anos.

Hoje, aos 48 anos, ela tem a real possibilidade de chegar à terceira idade. Estudos internacionais apontam que, nos últimos 40 anos, a expectativa de vida para essas pessoas cresceu ao menos 3,75 vezes e deve, no futuro, se igualar à da população em geral. No **Brasil**, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (**IBGE**), a expectativa de vida ao nascer é de 76 anos.

Vários fatores contribuíram para o aumento da longevidade das pessoas com síndrome de Down. “Na década de 1920, a expectativa de vida era em torno de 9 anos. Com o advento das cirurgias cardíacas, vacinação, diagnóstico e inclusão, houve um aumento da expectativa de vida para em torno dos 65 anos. Um estudo mostrou um paciente com 77 anos”, diz a geriatra Ana Thereza Schneider, integrante da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG).

No passado, apenas os pediatras faziam o atendimento dos pacientes com a síndrome e, durante muitos anos, a longevidade não foi um tema abordado com os pais de crianças com Down. Agora, os geriatras estão sendo cada vez mais procurados por essa população e há projetos que focam o envelhecimento saudável de pessoas com síndrome de Down.

É o caso de um grupo de 60 membros da Associação para Profissionalização, Orientação, Integração do Excepcional (Apoie), que, desde março, está sendo acompanhado por um geriatra em uma iniciativa do Projeto Serendipidade, ONG com foco em inclusão.

Eles praticam atividades físicas, recebem orientações para ter uma alimentação saudável e fazem exames para acompanhamento de doenças crônicas. O objetivo da iniciativa, segundo o leiloeiro Henri Zylberstajn, de 39 anos, fundador do Projeto Serendipidade não é apenas oferecer qualidade de vida para os adultos, mas obter informações sobre o envelhecimento deles e utilizá-las em pesquisas sobre o tema no futuro.

O projeto-piloto deve durar um ano. “Queremos conversar com profissionais em formação para mostrar que existem caminhos e uma necessidade de mercado. Com o envelhecimento precoce e a longevidade dessa população, isso se faz necessário”, diz. Segundo parentes de pessoas com a síndrome, a longevidade não era uma questão central. “Minha filha nasceu cardiopata e a gente tinha de cuidar do coração, levar para a fisioterapia e terapia ocupacional. Tudo o que me indicaram, fui fazer. A questão da longevidade ficou mais para a frente”, lembra a professora aposentada Maria Lúcia da Silva, de 61 anos, mãe de Maria Elisa do Lago, de 32. Segundo Maria Lúcia, a filha gosta de dançar e fazer atividades físicas. Também canta e é uma pessoa sociável. “Ela tem qualidade de vida muito maior do que outras pessoas. Acredito que Maria Elisa vai longe.”

Possibilidades

Geriatria do Hospital Israelita Albert Einstein e do Hospital das Clínicas de São Paulo, Marcelo Altona está fazendo o monitoramento do grupo atendido pelo projeto. “Estamos assistindo ao envelhecimento das pessoas com a síndrome de Down e isso acende uma lâmpada de possibilidades. Nosso objetivo é oferecer um melhor envelhecimento e acabar com a crença de que não é possível alcançar benefícios.”

Segundo ele, sintomas da velhice que costumam aparecer após os 50 anos na população geral, como a perda de massa muscular e de memória, podem começar a surgir a partir dos 20 anos em quem tem a síndrome. “Nosso objetivo é desenvolver uma massa crítica para formar os familiares para a busca da qualidade de vida, bons hábitos de alimentação, atividade física e controle de doenças crônicas que podem surgir durante o envelhecimento. Fazer o mesmo cuidado que temos com os idosos típicos”, explica Altona.

Os participantes também estão realizando exames para monitorar condições de saúde. “Todo o nosso arsenal diagnóstico está disponível, como exames de ressonância e tomografia. A causa nos sensibilizou porque tem relação com inclusão social e melhorar

a vida das pessoas”, diz Charles Ghelfond, diretor-presidente do Ghelfond Medicina Diagnóstica.

Apoio familiar

O engenheiro Bernardo Bacicurinski, de 62 anos, acompanhou as conquistas da irmã Isabel em um período em que as pessoas não acreditavam no potencial de quem tem síndrome de Down. “Na época acreditava-se que não tinha expectativa de nada e é um pensamento errado, porque eles têm capacidade de aprender e fazem atividades com dedicação e responsabilidade”, diz o engenheiro. “Minha irmã cuida das coisas dela, senta para jantar comigo, comenta coisas que viu na TV e as notícias que escuta. Tem uma visão de vida muito grande.”

A costureira Shirley Descrove, de 66 anos, nunca se preocupou com as questões relacionadas ao envelhecimento da filha Marina Descrove de Oliveira, de 33 anos, que também tem a síndrome. “Foquei mais em cuidar dela, mas é importante para a gente ficar sabendo como cuidar disso. A família não está preparada”, diz Shirley.

Alguns pacientes apresentam sinais de envelhecimento precoce nessa faixa etária. Segundo Shirley, Marina faz todas as suas atividades com disposição. “Ela não pode fazer movimentos bruscos, mas adora dançar, gosta muito de academia. Lá, só queria fazer zumba. Faz colchas. Só o rosto dela está começando a ficar enrugadinho.”

Presidente da Federação Brasileira das Associações de Síndrome de Down, Antonio Carlos Sestaro diz que a população com a trissomia do 21 é de 350 mil a 400 mil pessoas no País. O IBGE não tem dados sobre esse grupo. Ele diz que o atendimento especializado ao longo do envelhecimento é fundamental. “Nossa preocupação maior com a longevidade é o Alzheimer. Estamos acompanhando pesquisas no mundo e quase 50% das pessoas com síndrome de Down podem desenvolver o Alzheimer com mais de 50 anos.”

Para a assistente social voluntária da Apoie Sonia Monken, o projeto focado no envelhecimento é importante não só para os pacientes, mas para a família. “O grande problema hoje é com relação a imaginar que essa pessoa está envelhecendo em um

grupo que está muito velho, como os pais dela. Quando a gente trabalha com longevidade, trabalha no paciente e na família.

<https://exame.abril.com.br/ciencia/com-avancos-na-medicina-pessoas-com-sindrome-de-down-ja-chegam-a-3a-idade/>

ISTO É

Eles têm Down. E vão chegar à 3ª idade

Estadão Conteúdo
02/10/19 - 07h43

Quando Isabel Bacicurinski nasceu, no início da década de 1970, a expectativa de vida de uma pessoa com síndrome de Down era de cerca de 20 anos. Hoje, aos 48 anos, ela tem a real possibilidade de chegar à terceira idade. Estudos internacionais apontam que, nos últimos 40 anos, a expectativa de vida para essas pessoas cresceu ao menos 3,75 vezes e deve, no futuro, se igualar à da população em geral. No Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a expectativa de vida ao nascer é de 76 anos.

Vários fatores contribuíram para o aumento da longevidade das pessoas com síndrome de Down. “Na década de 1920, a expectativa de vida era em torno de 9 anos. Com o advento das cirurgias cardíacas, vacinação, diagnóstico e inclusão, houve um aumento da expectativa de vida para em torno dos 65 anos. Um estudo mostrou um paciente com 77 anos”, diz a geriatra Ana Thereza Schneider, integrante da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG).

No passado, apenas os pediatras faziam o atendimento dos pacientes com a síndrome e, durante muitos anos, a longevidade não foi um tema abordado com os pais de crianças com Down. A gora, os geriatras estão sendo cada vez mais procurados por essa população e há projetos que focam o envelhecimento saudável de pessoas com síndrome de Down.

É o caso de um grupo de 60 membros da Associação para Profissionalização, Orientação, Integração do Excepcional (Apoie), que, desde março, está sendo acompanhado por um geriatra em uma iniciativa do Projeto Serendipidade, ONG com foco em inclusão.

Eles praticam atividades físicas, recebem orientações para ter uma alimentação saudável e fazem exames para acompanhamento de doenças crônicas. O objetivo da iniciativa, segundo o leiloeiro Henri Zylberstajn, de 39 anos, fundador do Projeto Serendipidade, não é apenas oferecer qualidade de vida para os adultos, mas obter informações sobre o envelhecimento deles e utilizá-las em pesquisas sobre o tema no futuro. O projeto-piloto deve durar um ano. “Queremos conversar com profissionais em formação para mostrar que existem caminhos e uma necessidade de mercado. Com o envelhecimento precoce e a longevidade dessa população, isso se faz necessário”, diz.

Segundo parentes de pessoas com a síndrome, a longevidade não era uma questão central. “Minha filha nasceu cardiopata e a gente tinha de cuidar do coração, levar para a fisioterapia e terapia ocupacional. Tudo o que me indicaram, fui fazer. A questão da longevidade ficou mais para a frente”, lembra a professora aposentada Maria Lúcia da Silva, de 61 anos, mãe de Maria Elisa do Lago, de 32. Segundo Maria Lúcia, a filha gosta de dançar e fazer atividades físicas. Também canta e é uma pessoa sociável. “Ela tem qualidade de vida muito maior do que outras pessoas. Acredito que Maria Elisa vai longe.”

Possibilidades

Geriatra do Hospital Israelita Albert Einstein e do Hospital das Clínicas de São Paulo, Marcelo Altona está fazendo o monitoramento do grupo atendido pelo projeto. “Estamos assistindo ao envelhecimento das pessoas com a síndrome de Down e isso acende uma lâmpada de possibilidades. Nosso objetivo é oferecer um melhor envelhecimento e acabar com a crença de que não é possível alcançar benefícios.”

Segundo ele, sintomas da velhice que costumam aparecer após os 50 anos na população geral, como a perda de massa muscular e de memória, podem começar a surgir a partir dos 20 anos em quem tem a síndrome. “Nosso objetivo é desenvolver uma massa crítica para formar os familiares para a busca da qualidade de vida, bons hábitos de alimentação, atividade física e controle de doenças crônicas que podem surgir durante o envelhecimento. Fazer o mesmo cuidado que temos com os idosos típicos”, explica Altona.

Os participantes também estão realizando exames para monitorar condições de saúde. “Todo o nosso arsenal diagnóstico está disponível, como exames de ressonância e tomografia. A causa nos sensibilizou porque tem relação com inclusão social e melhorar a vida das pessoas”, diz Charles Ghelfond, diretor-presidente do Ghelfond Medicina Diagnóstica.

Apoio familiar

O engenheiro Bernardo Bacicurinski, de 62 anos, acompanhou as conquistas da irmã Isabel em um período em que as pessoas não acreditavam no potencial de quem tem síndrome de Down. “Na época, acreditava-se que não tinha expectativa de nada e é um pensamento errado, porque eles têm capacidade de aprender e fazem atividades com dedicação e responsabilidade”, diz o engenheiro. “Minha irmã cuida das coisas dela, senta para jantar comigo, comenta coisas que viu na TV e as notícias que escuta. Tem uma visão de vida muito grande.”

A costureira Shirley Descrove, de 66 anos, nunca se preocupou com as questões relacionadas ao envelhecimento da filha Marina Descrove de Oliveira, de 33 anos, que também tem a síndrome. “Foquei mais em cuidar dela, mas é importante para a gente ficar sabendo como cuidar disso. A família não está preparada”, diz Shirley.

Alguns pacientes apresentam sinais de envelhecimento precoce nessa faixa etária. Segundo Shirley, Marina faz todas as suas atividades com disposição. “Ela não pode fazer movimentos bruscos, mas adora dançar, gosta muito de academia. Lá, só queria fazer zumba. Faz colchas. Só o rosto dela está começando a ficar enrugadinho.”

Presidente da Federação Brasileira das Associações de Síndrome de Down, Antonio Carlos Sestaro diz que a população com a trissomia do 21 é de 350 mil a 400 mil pessoas no País. O IBGE não tem dados sobre esse grupo. Ele diz que o atendimento especializado ao longo do envelhecimento é fundamental. “Nossa preocupação maior com a longevidade é o Alzheimer. Estamos acompanhando pesquisas no mundo e quase 50% das pessoas com síndrome de Down podem desenvolver o Alzheimer com mais de 50 anos.”

Para a assistente social voluntária da Apoie Sonia Monken, o projeto focado no envelhecimento é importante não só para os pacientes, mas para a família. “O grande problema hoje é com relação a imaginar que essa pessoa está envelhecendo em um grupo que está muito velho, como os pais dela. Quando a gente trabalha com longevidade, trabalha no paciente e na família.” As informações são do jornal **O Estado de S. Paulo**.

<https://istoe.com.br/eles-tem-down-e-vao-chegar-a-3a-idade/>

ISTOE Dinheiro

Eles têm Down. E vão chegar à 3ª idade

Estadão Conteúdo
02/10/19 - 07h43

Quando Isabel Bacicurinski nasceu, no início da década de 1970, a expectativa de vida de uma pessoa com síndrome de Down era de cerca de 20 anos. Hoje, aos 48 anos, ela tem a real possibilidade de chegar à terceira idade. Estudos internacionais apontam que, nos últimos 40 anos, a expectativa de vida para essas pessoas cresceu ao menos 3,75 vezes e deve, no futuro, se igualar à da população em geral. No Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a expectativa de vida ao nascer é de 76 anos.

Vários fatores contribuíram para o aumento da longevidade das pessoas com síndrome de Down. “Na década de 1920, a expectativa de vida era em torno de 9 anos. Com o advento das cirurgias cardíacas, vacinação, diagnóstico e inclusão, houve um aumento da expectativa de vida para em torno dos 65 anos. Um estudo mostrou um paciente com 77 anos”, diz a geriatra Ana Thereza Schneider, integrante da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG).

No passado, apenas os pediatras faziam o atendimento dos pacientes com a síndrome e, durante muitos anos, a longevidade não foi um tema abordado com os pais de crianças com Down. A gora, os geriatras estão sendo cada vez mais procurados por essa população e há projetos que focam o envelhecimento saudável de pessoas com síndrome de Down.

É o caso de um grupo de 60 membros da Associação para Profissionalização, Orientação, Integração do Excepcional (Apoie), que, desde março, está sendo acompanhado por um geriatra em uma iniciativa do Projeto Serendipidade, ONG com foco em inclusão.

Eles praticam atividades físicas, recebem orientações para ter uma alimentação saudável e fazem exames para acompanhamento de doenças crônicas. O objetivo da iniciativa, segundo o leiloeiro Henri Zylberstajn, de 39 anos, fundador do Projeto Serendipidade, não é apenas oferecer qualidade de vida para os adultos, mas obter informações sobre o envelhecimento deles e utilizá-las em pesquisas sobre o tema no futuro. O projeto-piloto deve durar um ano. “Queremos conversar com profissionais em formação para mostrar que existem caminhos e uma necessidade de mercado. Com o envelhecimento precoce e a longevidade dessa população, isso se faz necessário”, diz.

Segundo parentes de pessoas com a síndrome, a longevidade não era uma questão central. “Minha filha nasceu cardiopata e a gente tinha de cuidar do coração, levar para a fisioterapia e terapia ocupacional. Tudo o que me indicaram, fui fazer. A questão da longevidade ficou mais para a frente”, lembra a professora aposentada Maria Lúcia da Silva, de 61 anos, mãe de Maria Elisa do Lago, de 32. Segundo Maria Lúcia, a filha gosta de dançar e fazer atividades físicas. Também canta e é uma pessoa sociável. “Ela tem qualidade de vida muito maior do que outras pessoas. Acredito que Maria Elisa vai longe.”

Possibilidades

Geriatra do Hospital Israelita Albert Einstein e do Hospital das Clínicas de São Paulo, Marcelo Altona está fazendo o monitoramento do grupo atendido pelo projeto. “Estamos assistindo ao envelhecimento das pessoas com a síndrome de Down e isso acende uma lâmpada de possibilidades. Nosso objetivo é oferecer um melhor envelhecimento e acabar com a crença de que não é possível alcançar benefícios.”

Segundo ele, sintomas da velhice que costumam aparecer após os 50 anos na população geral, como a perda de massa muscular e de memória, podem começar a surgir a partir dos 20 anos em quem tem a síndrome. “Nosso objetivo é desenvolver uma massa crítica para formar os familiares para a busca da qualidade de vida, bons hábitos de alimentação, atividade física e controle de doenças crônicas que podem surgir durante o envelhecimento. Fazer o mesmo cuidado que temos com os idosos típicos”, explica Altona.

Os participantes também estão realizando exames para monitorar condições de saúde. “Todo o nosso arsenal diagnóstico está disponível, como exames de ressonância e tomografia. A causa nos sensibilizou porque tem relação com inclusão social e melhorar a vida das pessoas”, diz Charles Ghelfond, diretor-presidente do Ghelfond Medicina Diagnóstica.

Apoio familiar

O engenheiro Bernardo Bacicurinski, de 62 anos, acompanhou as conquistas da irmã Isabel em um período em que as pessoas não acreditavam no potencial de quem tem síndrome de Down. “Na época, acreditava-se que não tinha expectativa de nada e é um pensamento errado, porque eles têm capacidade de aprender e fazem atividades com dedicação e responsabilidade”, diz o engenheiro. “Minha irmã cuida das coisas dela, senta para jantar comigo, comenta coisas que viu na TV e as notícias que escuta. Tem uma visão de vida muito grande.”

A costureira Shirley Descrove, de 66 anos, nunca se preocupou com as questões relacionadas ao envelhecimento da filha Marina Descrove de Oliveira, de 33 anos, que também tem a síndrome. “Foquei mais em cuidar dela, mas é importante para a gente ficar sabendo como cuidar disso. A família não está preparada”, diz Shirley.

Alguns pacientes apresentam sinais de envelhecimento precoce nessa faixa etária. Segundo Shirley, Marina faz todas as suas atividades com disposição. “Ela não pode fazer movimentos bruscos, mas adora dançar, gosta muito de academia. Lá, só queria fazer zumba. Faz colchas. Só o rosto dela está começando a ficar enrugadinho.”

Presidente da Federação Brasileira das Associações de Síndrome de Down, Antonio Carlos Sestaro diz que a população com a trissomia do 21 é de 350 mil a 400 mil pessoas no País. O IBGE não tem dados sobre esse grupo. Ele diz que o atendimento especializado ao longo do envelhecimento é fundamental. “Nossa preocupação maior com a longevidade é o Alzheimer. Estamos acompanhando pesquisas no mundo e quase 50% das pessoas com síndrome de Down podem desenvolver o Alzheimer com mais de 50 anos.”

Para a assistente social voluntária da Apoie Sonia Monken, o projeto focado no envelhecimento é importante não só para os pacientes, mas para a família. “O grande problema hoje é com relação a imaginar que essa pessoa está envelhecendo em um grupo que está muito velho, como os pais dela. Quando a gente trabalha com longevidade, trabalha no paciente e na família.” As informações são do jornal **O Estado de S. Paulo**.

<https://www.istoedinheiro.com.br/eles-tem-down-e-vao-chegar-a-3a-idade/>



Eles têm Down. E vão chegar à 3ª idade

Da Redação há 1 dia [Cidades](#)

Quando Isabel Bacicurinski nasceu, no início da década de 1970, a expectativa de vida de uma pessoa com síndrome de Down era de cerca de 20 anos. Hoje, aos 48 anos, ela tem a real possibilidade de chegar à terceira idade. Estudos internacionais apontam que, nos últimos 40 anos, a expectativa de vida para essas pessoas cresceu ao menos 3,75 vezes e deve, no futuro, se igualar à da população em geral. No Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a expectativa de vida ao nascer é de 76 anos.

Vários fatores contribuíram para o aumento da longevidade das pessoas com síndrome de Down. “Na década de 1920, a expectativa de vida era em torno de 9 anos. Com o advento das cirurgias cardíacas, vacinação, diagnóstico e inclusão, houve um aumento da expectativa de vida para em torno dos 65 anos. Um estudo mostrou um paciente com 77 anos”, diz a geriatra Ana Thereza Schneider, integrante da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG).

No passado, apenas os pediatras faziam o atendimento dos pacientes com a síndrome e, durante muitos anos, a longevidade não foi um tema abordado com os pais de crianças com Down. Agora, os geriatras estão sendo cada vez mais procurados por essa população e há projetos que focam o envelhecimento saudável de pessoas com síndrome de Down.

É o caso de um grupo de 60 membros da Associação para Profissionalização, Orientação, Integração do Excepcional (Apoie), que, desde março, está sendo acompanhado por um geriatra em uma iniciativa do Projeto Serendipidade, ONG com foco em inclusão.

Eles praticam atividades físicas, recebem orientações para ter uma alimentação saudável e fazem exames para acompanhamento de doenças crônicas. O objetivo da iniciativa, segundo o leiloeiro Henri Zylberstajn, de 39 anos, fundador do Projeto Serendipidade, não é apenas oferecer qualidade de vida para os adultos, mas obter informações sobre o envelhecimento deles e utilizá-las em pesquisas sobre o tema no futuro. O projeto-piloto deve durar um ano. “Queremos

conversar com profissionais em formação para mostrar que existem caminhos e uma necessidade de mercado. Com o envelhecimento precoce e a longevidade dessa população, isso se faz necessário”, diz.

Segundo parentes de pessoas com a síndrome, a longevidade não era uma questão central. “Minha filha nasceu cardiopata e a gente tinha de cuidar do coração, levar para a fisioterapia e terapia ocupacional. Tudo o que me indicaram, fui fazer. A questão da longevidade ficou mais para a frente”, lembra a professora aposentada Maria Lúcia da Silva, de 61 anos, mãe de Maria Elisa do Lago, de 32. Segundo Maria Lúcia, a filha gosta de dançar e fazer atividades físicas. Também canta e é uma pessoa sociável. “Ela tem qualidade de vida muito maior do que outras pessoas. Acredito que Maria Elisa vai longe.”

Possibilidades

Geriatra do Hospital Israelita Albert Einstein e do Hospital das Clínicas de São Paulo, Marcelo Altona está fazendo o monitoramento do grupo atendido pelo projeto. “Estamos assistindo ao envelhecimento das pessoas com a síndrome de Down e isso acende uma lâmpada de possibilidades. Nosso objetivo é oferecer um melhor envelhecimento e acabar com a crença de que não é possível alcançar benefícios.”

Segundo ele, sintomas da velhice que costumam aparecer após os 50 anos na população geral, como a perda de massa muscular e de memória, podem começar a surgir a partir dos 20 anos em quem tem a síndrome. “Nosso objetivo é desenvolver uma massa crítica para formar os familiares para a busca da qualidade de vida, bons hábitos de alimentação, atividade física e controle de doenças crônicas que podem surgir durante o envelhecimento. Fazer o mesmo cuidado que temos com os idosos típicos”, explica Altona.

Os participantes também estão realizando exames para monitorar condições de saúde. “Todo o nosso arsenal diagnóstico está disponível, como exames de ressonância e tomografia. A causa nos sensibilizou porque tem relação com inclusão social e melhorar a vida das pessoas”, diz Charles Ghelfond, diretor-presidente do Ghelfond Medicina Diagnóstica.

Apoio familiar

O engenheiro Bernardo Bacicurinski, de 62 anos, acompanhou as conquistas da irmã Isabel em um período em que as pessoas não acreditavam no potencial de quem tem síndrome de Down. “Na época, acreditava-se que não tinha expectativa de nada e é um pensamento errado, porque

eles têm capacidade de aprender e fazem atividades com dedicação e responsabilidade”, diz o engenheiro. “Minha irmã cuida das coisas dela, senta para jantar comigo, comenta coisas que viu na TV e as notícias que escuta. Tem uma visão de vida muito grande.”

A costureira Shirley Descrove, de 66 anos, nunca se preocupou com as questões relacionadas ao envelhecimento da filha Marina Descrove de Oliveira, de 33 anos, que também tem a síndrome. “Foquei mais em cuidar dela, mas é importante para a gente ficar sabendo como cuidar disso. A família não está preparada”, diz Shirley.

Alguns pacientes apresentam sinais de envelhecimento precoce nessa faixa etária. Segundo Shirley, Marina faz todas as suas atividades com disposição. “Ela não pode fazer movimentos bruscos, mas adora dançar, gosta muito de academia. Lá, só queria fazer zumba. Faz colchas. Só o rosto dela está começando a ficar enrugadinho.”

Presidente da Federação Brasileira das Associações de Síndrome de Down, Antonio Carlos Sestaro diz que a população com a trissomia do 21 é de 350 mil a 400 mil pessoas no País. O IBGE não tem dados sobre esse grupo. Ele diz que o atendimento especializado ao longo do envelhecimento é fundamental. “Nossa preocupação maior com a longevidade é o Alzheimer. Estamos acompanhando pesquisas no mundo e quase 50% das pessoas com síndrome de Down podem desenvolver o Alzheimer com mais de 50 anos.”

Para a assistente social voluntária da Apoie Sonia Monken, o projeto focado no envelhecimento é importante não só para os pacientes, mas para a família. “O grande problema hoje é com relação a imaginar que essa pessoa está envelhecendo em um grupo que está muito velho, como os pais dela. Quando a gente trabalha com longevidade, trabalha no paciente e na família.”

<https://www.reporterdiario.com.br/noticia/2733164/eles-tem-down-e-vao-chegar-a-3%C2%AA-idade/>



Eles têm Down. E vão chegar à 3ª idade

por *Estadão Conteúdo*

02/10/19 07h55 - Atualizado: 02/10/19 07h55

Quando Isabel Bacicurinski nasceu, no início da década de 1970, a expectativa de vida de uma pessoa com síndrome de Down era de cerca de 20 anos. Hoje, aos 48 anos, ela tem a real possibilidade de chegar à terceira idade. Estudos internacionais apontam que, nos últimos 40 anos, a expectativa de vida para essas pessoas cresceu ao menos 3,75 vezes e deve, no futuro, se igualar à da população em geral. No Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a expectativa de vida ao nascer é de 76 anos.

Vários fatores contribuíram para o aumento da longevidade das pessoas com síndrome de Down. “Na década de 1920, a expectativa de vida era em torno de 9 anos. Com o advento das cirurgias cardíacas, vacinação, diagnóstico e inclusão, houve um aumento da expectativa de vida para em torno dos 65 anos. Um estudo mostrou um paciente com 77 anos”, diz a geriatra Ana Thereza Schneider, integrante da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG).

No passado, apenas os pediatras faziam o atendimento dos pacientes com a síndrome e, durante muitos anos, a longevidade não foi um tema abordado com os pais de crianças com Down. A gora, os geriatras estão sendo cada vez mais procurados por essa população e há projetos que focam o envelhecimento saudável de pessoas com síndrome de Down.

É o caso de um grupo de 60 membros da Associação para Profissionalização, Orientação, Integração do Excepcional (Apoie), que, desde março, está sendo acompanhado por um geriatra em uma iniciativa do Projeto Serendipidade, ONG com foco em inclusão.

Eles praticam atividades físicas, recebem orientações para ter uma alimentação saudável e fazem exames para acompanhamento de doenças crônicas. O objetivo da iniciativa, segundo o leiloeiro Henri Zylberstajn, de 39 anos, fundador do Projeto Serendipidade, não é apenas oferecer qualidade de vida para os adultos, mas obter informações sobre o envelhecimento deles e utilizá-las em pesquisas sobre o tema no futuro. O projeto-piloto deve durar um ano. “Queremos conversar com profissionais em formação para mostrar que existem caminhos e uma necessidade de mercado. Com o envelhecimento precoce e a longevidade dessa população, isso se faz necessário”, diz.

Segundo parentes de pessoas com a síndrome, a longevidade não era uma questão central. “Minha filha nasceu cardiopata e a gente tinha de cuidar do coração, levar para a fisioterapia e terapia ocupacional. Tudo o que me indicaram, fui fazer. A questão da longevidade ficou mais para a frente”, lembra a professora aposentada Maria Lúcia da Silva, de 61 anos, mãe de Maria Elisa do Lago, de 32. Segundo Maria Lúcia, a filha gosta de dançar e fazer atividades físicas. Também canta e é uma pessoa sociável. “Ela tem qualidade de vida muito maior do que outras pessoas. Acredito que Maria Elisa vai longe.”

Possibilidades

Geriatra do Hospital Israelita Albert Einstein e do Hospital das Clínicas de São Paulo, Marcelo Altona está fazendo o monitoramento do grupo atendido pelo projeto. “Estamos assistindo ao envelhecimento das pessoas com a síndrome de Down e isso acende

uma lâmpada de possibilidades. Nosso objetivo é oferecer um melhor envelhecimento e acabar com a crença de que não é possível alcançar benefícios.”

Segundo ele, sintomas da velhice que costumam aparecer após os 50 anos na população geral, como a perda de massa muscular e de memória, podem começar a surgir a partir dos 20 anos em quem tem a síndrome. “Nosso objetivo é desenvolver uma massa crítica para formar os familiares para a busca da qualidade de vida, bons hábitos de alimentação, atividade física e controle de doenças crônicas que podem surgir durante o envelhecimento. Fazer o mesmo cuidado que temos com os idosos típicos”, explica Altona.

Os participantes também estão realizando exames para monitorar condições de saúde. “Todo o nosso arsenal diagnóstico está disponível, como exames de ressonância e tomografia. A causa nos sensibilizou porque tem relação com inclusão social e melhorar a vida das pessoas”, diz Charles Ghelfond, diretor-presidente do Ghelfond Medicina Diagnóstica.

Apoio familiar

O engenheiro Bernardo Bacicurinski, de 62 anos, acompanhou as conquistas da irmã Isabel em um período em que as pessoas não acreditavam no potencial de quem tem síndrome de Down. “Na época, acreditava-se que não tinha expectativa de nada e é um pensamento errado, porque eles têm capacidade de aprender e fazem atividades com dedicação e responsabilidade”, diz o engenheiro. “Minha irmã cuida das coisas dela, senta para jantar comigo, comenta coisas que viu na TV e as notícias que escuta. Tem uma visão de vida muito grande.”

A costureira Shirley Descrove, de 66 anos, nunca se preocupou com as questões relacionadas ao envelhecimento da filha Marina Descrove de Oliveira, de 33 anos, que

também tem a síndrome. “Foquei mais em cuidar dela, mas é importante para a gente ficar sabendo como cuidar disso. A família não está preparada”, diz Shirley.

Alguns pacientes apresentam sinais de envelhecimento precoce nessa faixa etária. Segundo Shirley, Marina faz todas as suas atividades com disposição. “Ela não pode fazer movimentos bruscos, mas adora dançar, gosta muito de academia. Lá, só queria fazer zumba. Faz colchas. Só o rosto dela está começando a ficar enrugadinho.”

Presidente da Federação Brasileira das Associações de Síndrome de Down, Antonio Carlos Sestaro diz que a população com a trissomia do 21 é de 350 mil a 400 mil pessoas no País. O IBGE não tem dados sobre esse grupo. Ele diz que o atendimento especializado ao longo do envelhecimento é fundamental. “Nossa preocupação maior com a longevidade é o Alzheimer. Estamos acompanhando pesquisas no mundo e quase 50% das pessoas com síndrome de Down podem desenvolver o Alzheimer com mais de 50 anos.”

Para a assistente social voluntária da Apoie Sonia Monken, o projeto focado no envelhecimento é importante não só para os pacientes, mas para a família. “O grande problema hoje é com relação a imaginar que essa pessoa está envelhecendo em um grupo que está muito velho, como os pais dela. Quando a gente trabalha com longevidade, trabalha no paciente e na família.” As informações são do jornal **O Estado de S. Paulo**.

<https://www.tribunapr.com.br/noticias/brasil/eles-tem-down-e-vao-chegar-a-3-idade/>



Eles têm Down. E vão chegar à 3ª idade

02/10/2019 08h00

São Paulo - Quando Isabel Bacicurinski nasceu, no início da década de 1970, a expectativa de vida de uma pessoa com síndrome de Down era de cerca de 20 anos. Hoje, aos 48 anos, ela tem a real possibilidade de chegar à terceira idade. Estudos internacionais apontam que, nos últimos 40 anos, a expectativa de vida para essas pessoas cresceu ao menos 3,75 vezes e deve, no futuro, se igualar à da população em geral. No Brasil, segundo o Instituto Brasileiro de Geografia e Estatística (IBGE), a expectativa de vida ao nascer é de 76 anos.

Vários fatores contribuíram para o aumento da longevidade das pessoas com síndrome de Down. "Na década de 1920, a expectativa de vida era em torno de 9 anos. Com o advento das cirurgias cardíacas, vacinação, diagnóstico e inclusão, houve um aumento da expectativa de vida para em torno dos 65 anos. Um estudo mostrou um paciente com 77 anos", diz a geriatra Ana Thereza Schneider, integrante da Sociedade Brasileira de Geriatria e Gerontologia (SBGG).

No passado, apenas os pediatras faziam o atendimento dos pacientes com a síndrome e, durante muitos anos, a longevidade não foi um tema abordado com os pais de crianças com Down. A gora, os geriatras estão sendo cada vez

mais procurados por essa população e há projetos que focam o envelhecimento saudável de pessoas com síndrome de Down.

É o caso de um grupo de 60 membros da Associação para Profissionalização, Orientação, Integração do Excepcional (Apoie), que, desde março, está sendo acompanhado por um geriatra em uma iniciativa do Projeto Serendipidade, ONG com foco em inclusão.

Eles praticam atividades físicas, recebem orientações para ter uma alimentação saudável e fazem exames para acompanhamento de doenças crônicas. O objetivo da iniciativa, segundo o leiloeiro Henri Zylberstajn, de 39 anos, fundador do Projeto Serendipidade, não é apenas oferecer qualidade de vida para os adultos, mas obter informações sobre o envelhecimento deles e utilizá-las em pesquisas sobre o tema no futuro. O projeto-piloto deve durar um ano. "Queremos conversar com profissionais em formação para mostrar que existem caminhos e uma necessidade de mercado. Com o envelhecimento precoce e a longevidade dessa população, isso se faz necessário", diz.

Segundo parentes de pessoas com a síndrome, a longevidade não era uma questão central. "Minha filha nasceu cardiopata e a gente tinha de cuidar do coração, levar para a fisioterapia e terapia ocupacional. Tudo o que me indicaram, fui fazer. A questão da longevidade ficou mais para a frente", lembra a professora aposentada Maria Lúcia da Silva, de 61 anos, mãe de Maria Elisa do Lago, de 32. Segundo Maria Lúcia, a filha gosta de dançar e fazer atividades físicas. Também canta e é uma pessoa sociável. "Ela tem qualidade de vida muito maior do que outras pessoas. Acredito que Maria

Elisa vai longe."

Possibilidades

Geriatra do Hospital Israelita Albert Einstein e do Hospital das Clínicas de São Paulo, Marcelo Altona está fazendo o monitoramento do grupo atendido pelo projeto. "Estamos assistindo ao envelhecimento das pessoas com a síndrome de Down e isso acende uma lâmpada de possibilidades. Nosso objetivo é oferecer um melhor envelhecimento e acabar com a crença de que não é possível alcançar benefícios."

Segundo ele, sintomas da velhice que costumam aparecer após os 50 anos na população geral, como a perda de massa muscular e de memória, podem começar a surgir a partir dos 20 anos em quem tem a síndrome. "Nosso objetivo é desenvolver uma massa crítica para formar os familiares para a busca da qualidade de vida, bons hábitos de alimentação, atividade física e controle de doenças crônicas que podem surgir durante o envelhecimento. Fazer o mesmo cuidado que temos com os idosos típicos", explica Altona.

Os participantes também estão realizando exames para monitorar condições de saúde. "Todo o nosso arsenal diagnóstico está disponível, como exames de ressonância e tomografia. A causa nos sensibilizou porque tem relação com inclusão social e melhorar a vida das pessoas", diz Charles Ghelfond, diretor-presidente do Ghelfond Medicina Diagnóstica.

Apoio familiar

O engenheiro Bernardo Bacicurinski, de 62 anos, acompanhou as conquistas da irmã Isabel em um período em que as pessoas não acreditavam no potencial de quem tem síndrome de Down. "Na época, acreditava-se que não tinha expectativa de nada e é um pensamento errado, porque eles têm capacidade de aprender e fazem atividades com dedicação e responsabilidade", diz o engenheiro. "Minha irmã cuida das coisas dela, senta para jantar comigo, comenta coisas que viu na TV e as notícias que escuta. Tem uma visão de vida muito grande."

A costureira Shirley Descrove, de 66 anos, nunca se preocupou com as questões relacionadas ao envelhecimento da filha Marina Descrove de Oliveira, de 33 anos, que também tem a síndrome. "Foquei mais em cuidar dela, mas é importante para a gente ficar sabendo como cuidar disso. A família não está preparada", diz Shirley.

Alguns pacientes apresentam sinais de envelhecimento precoce nessa faixa etária. Segundo Shirley, Marina faz todas as suas atividades com disposição. "Ela não pode fazer movimentos bruscos, mas adora dançar, gosta muito de academia. Lá, só queria fazer zumba. Faz colchas. Só o rosto dela está começando a ficar enrugadinho."

Presidente da Federação Brasileira das Associações de Síndrome de Down, Antonio Carlos Sestaro diz que a população com a trissomia do 21 é de 350 mil a 400 mil pessoas no País. O IBGE não tem dados sobre esse grupo. Ele diz que o atendimento especializado ao longo do envelhecimento é

fundamental. "Nossa preocupação maior com a longevidade é o Alzheimer. Estamos acompanhando pesquisas no mundo e quase 50% das pessoas com síndrome de Down podem desenvolver o Alzheimer com mais de 50 anos."

Para a assistente social voluntária da Apoie Sonia Monken, o projeto focado no envelhecimento é importante não só para os pacientes, mas para a família. "O grande problema hoje é com relação a imaginar que essa pessoa está envelhecendo em um grupo que está muito velho, como os pais dela. Quando a gente trabalha com longevidade, trabalha no paciente e na família." As informações são do jornal **O Estado de S. Paulo**.

Paula Felix

<https://noticias.uol.com.br/ultimas-noticias/agencia-estado/2019/10/02/eles-tem-down-e-vao-chegar-a-3-idade.htm>